



RELATÓRIO FINAL

AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO PROGRAMA UNIVERSO D

Equipa

Carmen Cavaco (Coordenadora)

Soraia Pinho

Raquel Fonseca

Jacqueline Cardoso

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que entrevistámos pela sua disponibilidade, amabilidade e interesse, realçando que a informação recolhida junto dos jovens e dos educadores que participaram nas atividades do Programa Universo D foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradecemos aos alunos do Mestrado em Educação e Formação, da especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, e da Licenciatura em Educação e Formação, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, que se voluntariaram para apoiar a realização e a transcrição de algumas entrevistas.

Agradecemos à equipa do Programa Universo D – Os Direitos na Criança e no Jovem, pelo apoio assegurado ao longo da realização do trabalho e pelo envolvimento na reflexão e na partilha da experiência.

ÍNDICE

Introdução	4
1. Metodologia	5
2. Programa Universo D – Análise dos dados empíricos recolhidos	6
2.1 Motivos e expetativas da visita	8
2.2 Conhecimentos prévios sobre o tema	9
2.3 Apreciação global da visita	11
2.4 Metodologia	13
2.5 Espaço da visita	15
2.6 Equipa técnica	16
2.7 Aprendizagens realizadas	18
2.8 Importância das aprendizagens realizadas	20
2.9 Impacto individual, coletivo e profissional	22
2.10 Outros domínios	24
2.11 Sugestões de melhoria do Programa Universo D	25
3. Dispositivo de acompanhamento e de avaliação do Programa Universo D	28
3.1 Dispositivo de acompanhamento do Programa Universo D	28
3.2 Dispositivo de avaliação do Programa Universo D	29
3.2.1 Questionário de avaliação da viagem ao Programa Universo D	29
3.2.2 Questionário de avaliação do impacto da viagem ao Programa Universo D	33
Conclusão	36
Referências bibliográficas	38

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como principal objetivo a conceção de um dispositivo de acompanhamento e de avaliação do Programa Universo D – Os Direitos na Criança e no Jovem, designado no documento por Universo D. O estudo surgiu no âmbito de uma proposta realizada pela Equipa do Programa Universo D, um Programa Educativo da Câmara Municipal de Lisboa, da responsabilidade do Departamento de Desenvolvimento para os Direitos Sociais/Divisão para a Participação e Cidadania, orientado para os Direitos Humanos da Criança e do Jovem, enquadrado na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) e na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

Atendendo à finalidade e à dinâmica do Programa Universo D, assim como à perspetiva da equipa técnica que o coordena e implementa, considerámos que o dispositivo de acompanhamento e de avaliação teria de ser concebido a partir de uma auscultação sobre o Programa, junto dos participantes, no que se refere à organização, ao funcionamento e aos resultados.

O documento apresenta os resultados dessa auscultação, junto dos participantes, assim como, uma proposta relativa ao dispositivo de acompanhamento e de avaliação, que inclui um questionário de avaliação da satisfação e um questionário de avaliação de impacto da viagem ao Universo D. O documento está estruturado em cinco partes. Na primeira parte, identificamos a metodologia que norteou este trabalho. Na segunda parte, apresentamos a análise dos dados recolhidos. Na terceira parte, apresentamos uma proposta de dispositivo de acompanhamento e de avaliação do Programa Universo D. Na quarta parte, apresentamos a proposta de questionário de avaliação da satisfação da viagem ao Universo D. Por último, na quinta parte, identificamos a proposta de questionário de avaliação de impacto da viagem ao Universo D. Estes dois questionários foram elaborados de acordo com os dados empíricos recolhidos nas entrevistas.

1. METODOLOGIA

O estudo baseou-se na metodologia de investigação qualitativa (Mucchielli, 2002; Poupart, Deslauriers, Groulx, Laperrière, Mayer & Pires, 1997), na tentativa de conceber um dispositivo de acompanhamento e de avaliação do Programa Universo D, que tivesse em conta a perspetiva dos participantes no Programa, quer dos educadores, quer dos jovens. Atendendo ao elevado número de participantes do Programa Universo D percebeu-se que o dispositivo de avaliação teria de passar necessariamente pela aplicação de um questionário. Deste modo, considerámos importante a realização de entrevistas semiestruturadas para recolher dados empíricos que permitissem conceber um questionário adequado, atendendo à especificidade do Programa Universo D.

Neste trabalho optámos pela realização de estudos de caso múltiplos (Yin, 2014), na tentativa de triangular informação proveniente de vários interlocutores, com papéis distintos, numa mesma organização. Juntamente com a equipa técnica do Programa Universo D definimos as Entidades onde realizámos os quatro estudos de caso – uma Junta de Freguesia, uma instituição de Ensino Superior, uma Escola Profissional e uma Associação. No âmbito dos quatro estudos de caso, efetuámos nove entrevistas a educadores e nove entrevistas a jovens. Como critérios de seleção das entidades tivemos em conta, essencialmente, três fatores – a participação no Programa Universo D em diferentes momentos temporais, a disponibilidade e o interesse para a participação no estudo e a diversidade de entidades. Os dados empíricos recolhidos através das dezoito entrevistas semiestruturadas foram sujeitos a uma análise de conteúdo temática, de acordo com os temas orientadores, que constavam no guião. Os dados empíricos recolhidos permitiram definir os temas estruturantes do questionário, os indicadores das respostas, assim como o tipo de escala a selecionar em cada situação. Ao longo do trabalho optámos por designar os agentes educativos entrevistados por educadores, para não comprometer o anonimato, embora assumissem funções distintas – professores, animadores e monitores.

2. PROGRAMA UNIVERSO D – ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS RECOLHIDOS

O Programa Universo D é focado na Educação para os Direitos Humanos, com um foco particular nos Direitos da Criança e do Jovem. O Programa é fundamentado na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) e na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), assumindo um enfoque particular no trabalho com crianças, jovens, famílias e técnicos de educação.

A visita realizada no âmbito do Programa Universo D é inspirada na metáfora da “viagem” e tem três componentes – a Viagem, o Centro de Bagagem, e as Tertúlias. A metáfora da viagem permite conjugar a realidade, o sonho e a utopia, a diversidade de espaços e de tempos, na vida de cada pessoa. A viagem é, entre outros aspetos, associada à descoberta, ao desconhecido, à aventura, à curiosidade, à reflexão, à socialização e à troca. A viagem remete também para um processo de (trans)formação, que ocorre através da experiência vivenciada ao longo do percurso. A equipa técnica do Programa Universo D estrutura a sua ação a partir de uma perspetiva ampla de educação, assumindo que esta tem lugar em todos os tempos e espaços, numa relação de interdependência com a experiência de vida (Canário, 1999; Dominicé, 2006; Pineau, 2000). O Programa Universo D é uma iniciativa do poder público local, “organizada fora do sistema educativo escolar, mas com objetivos educativos muito concretos” (Poizat, 2003, p.35).

A abordagem dos direitos humanos, durante a visita, é realizada através da modalidade de educação não formal, procurando-se assegurar uma experiência educativa, através de dinâmicas participativas e lúdicas, orientadas para a reflexão, individual e coletiva, e para o debate. Esta dinâmica enquadra-se na educação não formal porque é flexível, adaptando-se em função dos grupos, porque há uma valorização do processo vivido, individual e coletivamente, durante a visita, porque incentiva a reversibilidade de papéis – todos podem ensinar e aprender – porque promove a interação e a partilha, em dinâmicas de grupo, porque há uma contextualização dos direitos humanos, em função das experiências e das preocupações que emergem em cada grupo, e, finalmente, porque incide na participação (Canário, 1999; Poizat, 2003; Rogers, 2005). Os processos participativos implicam o sujeito na reflexão, na partilha, na interpretação e na apropriação do conhecimento, dos valores, dos direitos e dos deveres. Na educação para os direitos humanos a participação é uma dimensão estruturante, porque é “participando que o indivíduo se habilita à participação, no sentido pleno da palavra, que inclui o fato de tomar parte e

ter parte no contexto onde está inserido” (Gohn, 2014, p.35), elementos essenciais para se assumir uma atitude vigilante sobre os direitos e os deveres, no quotidiano.

O Programa Universo D surgiu na sequência do Projeto Espaço a Brincar. O Projeto Espaço a Brincar, ao centrar-se nos Direitos da Criança e do Jovem, afigurou-se pioneiro e de grande relevância educativa, em Portugal, como se pode verificar na afirmação dos entrevistados:

“Comecei a ir ao Espaço a Brincar porque fazia e faz todo o sentido... Eu não conheço outro, não sei se existe em outro país... Mas para mim é uma referência sendo um espaço de educação não formal, gratuito, um espaço que é oferecido pela autarquia. Portanto, comecei a ter interlocução com a equipa do Espaço a Brincar.” (Rita - educadora)

“No início, quando eu os descobri [...] para mim foi uma surpresa e foi muito interessante, de facto, ter conhecimento da existência desta equipa. Quando conheci o Espaço a Brincar pensei ‘Que fantástico, coisas tão giras’ e há muita gente que poderia usufruir desta intervenção e que desconhece... Comecei a falar a imensos professores sobre o Espaço a Brincar, porque é de facto um programa muito, muito válido, muito, mesmo.” (Anabela – educadora)

A educação para os direitos humanos, em geral, e, em particular, da criança e do jovem é uma dimensão muito valorizada pelos educadores entrevistados. Nesse sentido, consideram muito pertinente e útil a existência de um programa educativo centrado na educação para os direitos humanos, com especial atenção, nos direitos das crianças e dos jovens. Por outro lado, os educadores mencionam a escassez de dinâmicas educativas com foco na educação para os direitos humanos, em Portugal. Nesse sentido, destacam a relevância e a pertinência da iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, primeiro com o Projeto Espaço a Brincar, e mais recentemente com o Programa Universo D.

Os dados recolhidos e analisados visavam suportar a concepção de um dispositivo de acompanhamento e de avaliação e centraram-se, essencialmente, na dinâmica do Programa Universo D. Os eixos de análise centraram-se nos seguintes domínios: i) motivos e expectativas da visita; ii) conhecimentos prévios sobre o tema; iii) apreciação global da visita; iv) metodologia; v) espaço da visita; vi) equipa técnica; vii) aprendizagens realizadas; viii) importância das aprendizagens realizadas; ix) impacto individual, coletivo e profissional; xi) outros domínios; xii) sugestões de melhoria do Programa Universo D.

2.1 MOTIVOS E EXPETATIVAS DA VISITA

As razões da visita ao Programa Universo D prendem-se com o interesse institucional, por parte de entidades com missão na área educativa, para assegurar a formação de técnicos, de jovens e de crianças, na área dos direitos humanos. Os depoimentos dos entrevistados são elucidativos dessa conjugação de interesses:

“Comecei a ir ao Espaço a Brincar porque fazia e faz todo o sentido... Para mim é uma referência, sendo um espaço de educação não formal, gratuito, um espaço que é oferecido pela autarquia.” (Rita - educadora)

“Todos os meses temos uma formação e a equipa de coordenação tenta variar, ao máximo, entre os parceiros. Este foi um parceiro que já nos deu formação no ano passado, enquanto Espaço a Brincar (...) Foi muito interessante, o ano passado.” (Laura - educadora)

“[Viemos] por causa do nosso comportamento no acampamento e para aprender algumas coisas.” (Filipe – jovem)

A visita realizada ao Programa Universo D tem inerente uma intencionalidade educativa, no que respeita à educação para os direitos humanos, por parte de professores e de outros agentes educativos, o que também é incorporado pelos jovens envolvidos no processo. A intencionalidade educativa é uma componente essencial junto de quem concebe e dinamiza projetos de educação não-formal. Porém, nas práticas de educação não formal nem sempre esta dimensão é perceptível por parte dos participantes (Canário, 1999; Rogers, 2005). Neste caso, “a vontade deliberada de promover uma dinâmica educativa” (Poizat, 2003, p.39) orientada para os direitos humanos, por parte da equipa técnica, é reconhecida pelos participantes, o que reforça o interesse e a pertinência da iniciativa.

Os entrevistados apresentavam curiosidade relativamente à visita mas, no geral, não criaram expetativas. Os jovens pensavam que a abordagem aos direitos humanos, durante a visita, seria sobretudo teórica e expositiva. Os entrevistados que conheciam o Projeto Espaço a Brincar tinham a expetativa que a dinâmica fosse semelhante, mas desejavam ser surpreendidos pela equipa.

“Eu estava ansiosa de facto e estava curiosa porque foi a primeira vez que fui ao Universo D, mas não criei expetativa nenhuma, fui de mente aberta e o que tivesse que fazer, fazia.” (Constança – jovem)

“Pensei que fosse assim uma coisa mais, mais secante...” (Maria – jovem)

“Não ia com uma grande expetativa, não ia de ideia formada, ia assim de mente aberta.” (Duarte – educador)

“Estava curioso por saber como é.” (Augusto – educador)

“Não tinha ideia nenhuma do que iria ser... Como eu disse, não tinha expectativas nenhuma, porque eu não sabia o que se iria passar.” (Joana – educadora)

O tema da visita – os direitos humanos – despoleta interesse nos educadores, mas também nos jovens. Os entrevistados reconhecem curiosidade para a realização da visita ao Universo D. Os educadores que já haviam realizado visitas no âmbito do Projeto Espaço a Brincar tinham a expectativa que seriam de novo surpreendidos, pela originalidade e interesse das atividades, por parte da equipa da Câmara Municipal de Lisboa. Os educadores que realizam com frequência estas visitas reconhecem que a equipa técnica os surpreende sempre com novas atividades, o que é motivo para continuarem a visitar o espaço, uma vez que nunca há repetição de dinâmicas. As dinâmicas de educação não formal são voluntárias (Canário, 1999; Poizat, 2003; Rogers, 2005), pelo que é necessário encontrar estratégias para divulgar e motivar os potenciais participantes. A equipa técnica do Programa Universo D tem conseguido assegurar a fidelização dos educadores que realizam as visitas, promovendo dinâmicas inovadoras, “à medida”, e investindo na reformulação permanente, o que denota “uma grande flexibilidade e uma constante preocupação em adaptar as atividades aos interesses e necessidades dos participantes” (Poizat, 2003, p.37).

2.2 CONHECIMENTOS PRÉVIOS SOBRE O TEMA

Os educadores entrevistados, no geral, consideram possuir conhecimentos sobre tema dos direitos humanos, por este ser um domínio de intervenção e de interesse, na sua atividade profissional. Contudo, alguns técnicos reconhecem que antes da realização da visita os seus conhecimentos sobre direitos humanos eram muito escassos e insuficientes, o que não lhes permitia uma intervenção profissional consistente, neste domínio:

“Leciono numa área onde os conteúdos dos direitos das crianças estão presentes, então acabei sempre por fazer esta ligação... todo o enquadramento sociojurídico dos direitos, numa discussão jurídica e socio-antropológica sobre os direitos, porque essa é a matriz com a qual trabalho.” (Rita – educadora)

“Cada um de nós, de senso comum já tem os seus, as suas ideias básicas, mas nós que trabalhamos com crianças, foi-nos introduzido, aos poucos de uma forma ou de outra.” (Duarte – educador)

“Sou animadora sociocultural, portanto eu tenho de ter algum conhecimento na área. Em relação aos direitos eu já conhecia, foi mais um relembrar, um consciencializar em relação às metodologias...” (Joana – educadora)

“Já tínhamos aprofundado a Convenção, o número de artigos que existem. Já...a forma como os trabalhar, algumas dinâmicas que podíamos usar, todas elas diferentes daquelas que foram apresentadas” (...) Mas eu não tinha ideia que (...) a luta pelos direitos do Homem, a implementação dos direitos do Homem, tinham iniciado há tanto tempo.” (Ana – educadora)

“Nós trabalhamos com os jovens e já tínhamos alguma base.” (Manuel – educador)

“Sabia as bases.” (Laura – educadora)

“Tinha os conhecimentos do senso comum.” (André – educador)

Os jovens entrevistados reconheceram que os seus conhecimentos sobre direitos humanos eram muito elementares, antes da realização da visita. Alguns jovens entrevistados desconheciam a questão dos direitos humanos, outros tinham conhecimentos muito escassos e uma minoria possuía informação neste domínio.

“Alguma informação, mas nada assim muito relevante.” (Maria – jovem)

“Mais ou menos, para ser sincera mais ou menos... De 0 a 10... 3.” (Constança – jovem)

“Sim, um bom bocado, eu já me tinha interessado por isso.” (Adriano – jovem)

“Sim, [na escola] nós estávamos a discutir sobre todos os direitos que temos. (...) Mas falava-se do direito de brincar (...) Falamos também dos que são bastante importantes, porque acho que nem toda a gente tem bem a ideia que tem direitos. Não têm ideia se está a ser infringida alguma coisa ao qual seria importante para eles estarem bem, ou não têm noção que não podem fazer aquilo que estão a fazer. Portanto, acho que é mais à base da consciencialização de cada um de nós.” (Andreia – jovem)

Os jovens nas suas falas reconhecem que tinham conhecimentos muito básicos e insuficientes sobre a problemática dos direitos humanos antes da realização da visita . Os jovens que possuíam alguma informação sobre direitos humanos antes da realização da visita consideram que se trata de um domínio muito importante na vida em sociedade, o que justifica um maior investimento educativo.

Os conhecimentos sobre os direitos humanos antes da realização da visita ao Programa Universo D são escassos, tendo em conta os relatos dos educadores e dos jovens. Este facto revela que o tema não é suficientemente abordado na escola, durante o ensino básico e secundário, e nas instituições de ensino superior, o que justifica a pertinência e a utilidade do Programa Universo D, com uma abordagem focada na educação não formal. Neste caso, estamos perante um processo

que permite a complementaridade entre dinâmicas de educação não formal e de educação formal (Canário, 1999; Rogers, 2005).

2.3 APRECIÇÃO GLOBAL DA VISITA

Os entrevistados revelam uma apreciação muito boa da visita, o que se deve à pertinência e à utilidade dos conteúdos abordados, às atividades realizadas, à organização do espaço, mas também à metodologia usada pela equipa técnica. Esta opinião é partilhada, em simultâneo, pelos técnicos e pelos jovens, como se verifica nas suas falas:

“Foi uma perspetiva diferente, muito mais aprofundada (...) Aquilo que me marcou mais foi a nível temporal, no ano passado não foi tão falado. Por que é que essas coisas existiram? (...) Eu faço uma avaliação muito positiva [...] acho que têm uma dinâmica funcional, prática, que promove a interação ... estimula a partilha de experiências de todos os membros.” (Laura – educadora)

“Por um lado, acho interessante uma perspetiva mais ampla sobre os direitos, acho que foi uma mais-valia para a equipa. [...] Penso que esta ampliação do [Programa] e outra perspetiva do projeto também é interessante Gostei muito da organização.” (Rita – educadora)

“Toda esta perspetiva histórica [gostei muito].” (Ana – educadora)

“É extremamente importante. É extremamente relevante.” (Anabela – educadora)

“Enquanto adulto e técnico [risos], penso que se fosse uma formação para técnicos seria uma coisa, algo muito mais aprofundado, não é? Para os jovens, acho que foram muito bem adequadas das duas vezes, para o tipo de público que nos trouxemos cá, que a associação trouxe cá. Acho que estava muito adequado o nível de aprofundamento que foi dado. [...] O facto de serem atividades muito diversificadas é um dos aspetos mais positivos.” (André – educador)

“São pertinentes... Ajudou-nos a termos a perceção do trabalho que estamos a realizar. [...] [Acho] que estava bem estruturado.” (Manuel – educador)

“Por exemplo, quando foi discutido depois de ver o vídeo, achei que havia uma maior consciência do que eram exatamente os direitos... Eu não tinha muito conhecimento. Diria que saí de lá com uma maior consciência, quanto a isso.” (Adriano – educador)

“Há coisas que eu aprendi, não sabia a história dos direitos humanos, como surgiram, as várias modificações que sofreu ao longo do tempo e coisas que se passam no mundo que eu não tenho consciência de tal.” (Joana – educadora)

“Achei que eram bastante oportunos e bastante práticos [...]. Portanto, não focou exaustivamente nem falou de menos. Portanto, não foi uma seca ir “pra” lá, não foi, foi bastante dinâmico, e falávamos. [...] Houve uma envolvimento de todos, de todas as dinâmicas, não consigo avaliar menos positivamente nenhuma, porque acho que todas tiveram a sua importância, no momento certo.” (Duarte – educador)

“Foi interessante, os temas giravam tudo à volta dos direitos humanos e essas coisas. Foi giro. Vimos um vídeo sobre os direitos, fizemos atividades. No geral, foi bom. Saí da minha zona de conforto, liguei um pouco mais aos meus colegas e também às professoras e às técnicas do Universo D.” (Constança – jovem)

“Mas depois quando lá cheguei, fomos criando algum contacto com as senhoras que nos guiaram. Gostei bastante da união que senti quando saímos de lá em turma, porque tivemos a possibilidade de falarmos um pouco mais acerca de nós e das nossas experiências, o que nos ligou aos outros.” (Maria – jovem)

“Sim [gostei] [...] Foi tudo divertido...” (Filipe – jovem)

“Sim, gostei.” (António – jovem)

“Foi interessante. (...) Gostei.” (Artur – jovem)

“Eu gosto desses temas, discutir.” (Andreia – jovem)

O vídeo sobre a evolução histórica dos direitos humanos é um elemento muito apreciado pelos entrevistados, assim como a dinâmica de reflexão e de partilha, individual e coletiva, realizada nas diversas atividades. A apreciação global da visita é muito positiva, quer por parte dos educadores, quer dos jovens, o que resulta de um conjunto de fatores – a organização, o conteúdo abordado, a clareza e pertinência da mensagem, o enfoque na relação com os outros, a partilha de experiências, e a reflexão. Através dos depoimentos dos entrevistados percebe-se que a visita é estruturada em torno de uma dinâmica que potencia, em simultâneo, o processo de heteroformação e de autoformação (Pineau, 2000), no sentido, em que os participantes aprendem através das experiências partilhadas entre si e através da apropriação da sua experiência de vida, quando são convidados a pensar sobre si, sobre as suas experiências e o sentido dessas experiências.

2.4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na dinamização da visita é um domínio de apreciação muito positivo, por parte dos entrevistados, que a consideram adequada e com um elevado potencial para despoletar aprendizagens e mudanças de comportamento, no domínio dos direitos humanos. Além disso, a metodologia é tida como um elemento essencial na visita, porquanto, permite aos técnicos e aos futuros técnicos compreenderem o modo como o tema dos direitos humanos pode ser abordado, através de atividades muito diversificadas, como o visionamento de filmes, jogos, teatro, pintura, momentos de reflexão e de partilha. Estes elementos são destacados nas falas dos entrevistados:

“[A visita] foi boa, sim...” (Filipe – jovem)

“[Gostei muito]_Do teatro, gostei de tudo.” (António – jovem)

“[As atividades] foram boas, gostei.” (Artur – jovem)

“[Gostei mais] de fazer a camisola (...) Gostei das dinâmicas.” (Rodrigo – jovem)

“ Gostei das coisas que fizemos cá. Esta do teatro foi a melhor.” (Andreia – jovem)

“Foram coisas que foram fluindo naturalmente e que às vezes sem nos apercebermos deixava a pensar, e achei a metodologia ótima porque nós sem querermos ficávamos a pensar em certas situações. Gostei muito de uma [atividade], depois de nós termos visto um vídeo acerca dos direitos, nós tivemos uma reflexão entre a turma e foi a melhor parte da viagem, porque foi quando nos pudemos aproximar, falarmos das nossas experiências e foi isso que gostei mais.” (Maria – jovem)

“Foi giro, as atividades em turma também foram boas para nós porque... deu-nos um pouco mais, basicamente a nossa turma é um galinheiro e aquilo fez-nos acalmar um bocadinho e não haver tantas desavenças entre nós, e foi bom para toda a gente. As dinâmicas deram-nos no geral ideias porque nós tivemos que ir lá outra vez e tivemos que ser nós a fazer dinâmicas para as crianças. As dinâmicas que nós fizemos lá deram-nos um pouco de ajuda para nós irmos mais ou menos preparados para o que é que íamos. Apesar de algumas, lá está, me fazerem sair da zona de conforto, mas gostei, porque foi importante para mim. Fez-me crescer um pouco.” (Constança – jovem)

“Houve um ou dois momentos em que eu me sentia um pouco desconfortável, por exemplo, na atividade de transmitir uma ideia com um movimento (...) as sombras, eu senti-me mais confortável e foi mais fácil fazer. (...) é uma forma muito diferente de transmitir informação da que estamos habituados (...) E outra coisa que eu apreciei muito, foi a atividade da conversa silenciosa (...) Eu diria que foi uma forma quase perfeita de nos incentivar, a refletir sobre o assunto.” (Adriano – jovem)

[Gostei da] maneira como eles abordam o assunto. [...] Gostei da dinâmica, foi espetacular, acho que foi das formações que eu mais gostei. Em relação às metodologias adorei porque nunca tinha trabalhado nesse sentido, de pegar na mala como eu já disse, fazer uma viagem, ver vídeos, ir de sala em sala, ver o nome das salas. Acho que foi uma boa mistura. [...] A maneira como foi feita esta formação, acho que [funcionou a articulação entre a teoria e a prática]. Foi o que me cativou mais. [...] A maneira como as [técnicas] se expressavam, os vídeos que nós vimos.” (Joana – educadora)

“As dinâmicas apresentadas foram muito boas. A primeira, o fato de cada um de nós escolher, escolher a sua mala. Acho que é muito positivo [...] as dinâmicas de grupo, a passagem de alguns vídeos [...] as dinâmicas de apresentação. Outra dinâmica que eu gostei muito, foi a discussão silenciosa, por último, o role play. E a entrega ainda da documentação (...) a metodologia que eles apresentaram foi extremamente coerente.” (Ana – educadora)

“Há algumas novidades que eu acho que são interessantes e fazem todo o sentido, mas eu penso que a lógica é muito idêntica [...] acho que toda a dinâmica está muito interessante, a questão das malas, da viagem, do próprio mapa. Muitas das vezes é um espaço onde eles estreitam relações com os colegas de turma, onde por vezes alguns conflitos vêm ao de cima, onde questões do foro mais individual e familiar, que tem acontecido quando estamos a abordar certos temas e eles emocionam-se. Portanto, há aqui uma ligação emocional muito grande com determinadas dinâmicas que fazem. Eu acho que as metodologias fazem todo o sentido. Metodologias mais dinâmicas, participativas. De colocarem os nomes e haver sempre uma dinâmica nesse sentido. Sim, isso é super importante. Algumas dinâmicas novas que eu não conhecia, que utilizo e adapto.” (Anabela – educadora)

“Eu acho que foi muito boa [...] O fato de ser uma aprendizagem muito informal, através de atividades muito informais e muito práticas, acho que é muito importante. São jovens que têm muita dificuldade de concentração e já têm muito essa educação, já têm muito a educação formal na escola. Portanto, esta forma informal de passar através de atividades muito diversificadas [...] a diversificação das atividades, porque através de muitas formas, práticas diferentes, está sempre a trabalhar um bocadinho os mesmos conteúdos. [...] Qualquer destas atividades que fazemos, podemos sempre reproduzir no nosso Projeto, porque são coisas fáceis de [implementar].” (André – educador)

Gostei imenso das dinâmicas, eram interativas e apelavam à participação dos jovens. Pintar a *tshirt* fez-me recuar à infância. Gostei muito do teatro de sombras.” (Augusto – educador)

“O que eu gostei mais talvez seja o facto de perante algumas dinâmicas, fazer uma introspectiva de certos momentos dos quais eu não costumo lembrar no meu dia-a-dia. Como por exemplo, dos primeiros momentos em que eu ouvi falar sobre os direitos... faz-nos recuar um pouco atrás e pensar quando e em que situações, nós nos deparámos com esses direitos, ou com o falhar desses direitos, o violar desses direitos.” (Duarte – educador)

“A minha avaliação é muito positiva. Acho que devia ser aberto. Haver uma data de ações de sensibilização para conseguirmos atingir o máximo de pessoas possível (...) Fui tudo muito fluido, fui tudo muito à base das nossas experiências (...) as dinâmicas algumas eu já conhecia, outras não, mas é muito interessante ver como é que resulta em grupos diferentes ... a mochila que simbolizava ... a viagem ... acho que no final não ficou bem explícito (...) Eu gostei muito da dinâmica conversa silenciosa (...) têm uma dinâmica funcional, prática, que promove a interação ... estimula a partilha de experiências de todos os membros.” (Laura – educadora)

“É sempre pertinente quando falamos sobre os direitos das crianças (...) são questões que devem ser levantadas mais vezes.” (Manuel – educador)

“Gostei especialmente daquilo que vi, acho que ali há uma maturação teórica inclusive relativamente à percepção dos direitos e achei muito interessante [...] Pessoalmente gostei, achei muito interessante porque já se nota algum... aquilo que é o acumular de uma experiência, uma reflexão e uma reflexividade daquilo que são os direitos. Acho interessante uma perspetiva mais ampla sobre os direitos, acho que foi uma mais-valia para a equipa. As metodologias são muito participativas, no sentido de envolverem muitas pessoas que vão, fazem muito quebra-gelo para as pessoas se sentirem um pouco mais à vontade no início e se conhecerem. Penso que a metodologia que é muito informal, que é um pouco lúdica e acho

que é isso que é importante [...] e fazendo atividades que aparentemente são simples, mas que são pensadas pela equipa... Portanto, parece que é uma boa metodologia. Mas aquilo que me parece interessante é que há mais tempo para a reflexividade ou para pôr o pensamento no coletivo. Isso foi importante para mim, que estava de fora, eu observei. Para as alunas fez muito sentido.” (Rita – educadora)

O balanço da visita ao Universo D, por parte dos educadores e dos jovens, é muito positivo, destacando-se a pertinência e a adequação das atividades realizadas, a mobilização dos participantes na reflexão e na partilha, a organização do espaço, o recurso à metáfora da viagem – o check-in, com o levantamento da mala, a viagem pelos vários espaços, e o balanço final, para análise dos elementos incorporados na bagagem, ao longo da viagem. Estas dimensões revelam uma coerência entre a ação da equipa técnica e os princípios que norteiam a sua atividade profissional. Ou seja, a viagem é uma dinâmica com intencionalidade educativa, orientada para a educação de direitos humanos, que assume as características da educação não formal – privilegiando-se a atividade coletiva dos sujeitos implicados, a valorização do processo, a participação e interação, a reversibilidade de papéis (Canário, 1999; Poizat, 2003; Rogers, 2005), o espaço e tempo para a reflexão e para a partilha, numa lógica de respeito e de valorização dos sujeitos envolvidos, reconhecendo a sua autonomia, a sua capacidade para pensar, aprender e agir. A reflexão e a partilha sobre as experiências relacionadas com os direitos humanos, assim como os sentimentos e as emoções que lhe estão associadas, são elementos abordados ao longo do processo e muito valorizados pelos participantes.

2.5 ESPAÇO DA VISITA

Os educadores entrevistados demonstram uma apreciação muito positiva do espaço do Programa Universo D, destacando a dimensão simbólica da viagem, a organização do espaço, a articulação entre as várias salas e o tema dos direitos humanos, o que reforça os elementos anteriormente destacados:

“O espaço é bastante bom para desenvolver este tipo de atividades e talvez a criatividade nas atividades.”
(André – educador)

“Afinal não é preciso assim muito material para refletirmos sobre as coisas. Portanto, acho a organização do espaço uma mais-valia [...] achei muito interessante o espaço.” (Rita – educadora)

“Achei bastante engraçado o facto de termos uma mala, começámos com uma mala, uma bagagem... e com o passar das salas, dos espaços, cada um caracterizava um espaço. Cada espaço tinha a sua função... Nós íamos pondo, armazenando esses materiais na nossa bagagem. Portanto, eram muito próprios, eram a nossa visão sobre esses direitos. Achei bastante engraçado e dinâmico. Achei importante a existência de um elo de ligação entre todas as salas [...] Acho que fluiu naturalmente e bastante bem.” (Duarte – educador)

“O espaço é adequado. O ambiente em si também está bem agradável, a decoração está [bem conseguida].” (Manuel – educador)

A organização do espaço, assim como os materiais e elementos que o compõem integram-se de uma forma harmoniosa e coerente, permitindo a realização de um percurso (viagem), flexível, apelando à reflexão sobre os direitos humanos e à partilha de experiências, por parte do grupo. Os entrevistados destacam que o espaço onde decorre a visita apresenta um potencial educativo, o que permite reforçar, de uma forma complementar, os processos de heteroformação e de autoformação, com a ecoformação (Pineau, 2000). O contexto da visita assume um papel muito relevante no potencial formativo da dinâmica, porquanto permite o acesso a informação e a realização de atividades, que promovem a participação, através da reflexão, da escuta, da partilha e da interação. Como destaca Maria Glória Gohn (2014), na educação não formal “o contexto tem um papel de alta relevância porque ele é o cenário, o território de pertencimentos dos indivíduos e grupos envolvidos” (p.38). Esta ideia é reforçada por Moacir Gadotti (2005) quando afirma que na “educação não formal a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo” (p.2). O espaço é um elemento determinante no processo educativo, o que justifica a sua valorização por parte dos participantes.

2.6 EQUIPA TÉCNICA

Os educadores destacam o profissionalismo da equipa técnica do Universo D como um dos fatores determinantes para a apreciação muito positiva da visita, uma vez que conseguem promover uma relação humana de confiança, de escuta, de respeito e de empatia com os participantes, apresentam um notório domínio teórico e metodológico, e revelam preocupação com a realização

de dinâmicas inovadoras, estimulantes e adaptadas a cada grupo. Os técnicos que realizaram diversas visitas, ao longo do tempo, reforçam estes aspetos e destacam também o empenho da equipa, assim como a sua flexibilidade para se adaptarem continuamente, de modo a proporcionarem experiências “à medida” das situações e significativas para os participantes. A capacidade de ouvir e de trabalhar as experiências dos participantes, permitindo a contextualização do tema dos direitos humanos, é um elemento muito valorizado no perfil da equipa, por parte dos educadores. Estes elementos são notórios nas falas dos entrevistados:

“Sinto que a equipa vai adaptando as viagens em virtude daquilo que sente que são as nossas necessidades [...] Acho que eles estão sempre muito à frente e sinto sempre muito da parte deles esta perspetiva de irem constantemente encontrando novos caminhos (...) estarem sempre atentos áquilo que está acontecer [...] Há um acolher tão agradável, os nossos alunos (...) estão sempre disponíveis para nos apoiar até ao nível do transporte.” (Anabela – educadora)

“Eu valorizo tanto porque acho que elas têm qualidade no trabalho que desenvolvem (...) Portanto, há ali um trabalho pensado, refletido, há ali um trabalho sempre... Elas são insatisfeitas enquanto equipa [por isso] estão sempre à procura de informação nova, pessoas que as possam ajudar, no sentido de refletirem sobre os direitos. Portanto, penso que deste ponto de vista é também uma experiência muito única, pelo menos que eu conheça, no país.” (Rita – educadora)

“As formadoras estiveram bastante bem, souberam cativar a nossa atenção. Com as dinâmicas que nos apresentaram conseguiram captar a atenção de todos. O nosso grupo tem várias idades, o que nem sempre é fácil, e conseguiram captar a atenção de todos, o que é sempre bom.” (Duarte – educador)

“A camaradagem que houve desde o início entre a equipa [...] houve uma grande camaradagem e acho que foi o primeiro quebra-gelo, acho que é importantíssimo para que as coisas possam fluir ao longo da formação.” (Manuel – educador)

“Eles baseavam-se muito naquilo que nós trazíamos para cima da mesa.” (Laura – educadora)

“[Gostei muito] da maneira como elas se expressavam.” (Joana – educadora)

Os educadores destacam a coerência no “agir profissional” da equipa do Universo D, sendo que há uma forte intencionalidade educativa na organização e no funcionamento da visita (no espaço e no tempo, nas atividades, na metodologia e na atitude da equipa), para que esta se possa tornar um momento significativo na vida de cada participante e do grupo. Nesse sentido, a equipa organiza e acompanha a visita, de modo a despoletar uma dinâmica interna a cada participante e uma dinâmica coletiva, procurando que estas dinâmicas possam ser geradoras e multiplicadoras de uma maior consciência e de mudança efetiva, relativamente à questão dos direitos humanos. Neste caso, a dinâmica de educação não formal visa “a formação de cidadãos livres,

emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s)” (Gohn, 2014, p.35).

2.7 APRENDIZAGENS REALIZADAS

As aprendizagens realizadas através da visita ao Universo D são múltiplas e variam em função do ponto de partida de cada participante. Os educadores e os jovens que possuíam poucos conhecimentos sobre o tema dos direitos humanos, antes da realização da visita, consideram que esta foi muito importante na realização de aprendizagens elementares neste domínio. Alguns jovens reconhecem a importância da visita no fortalecimento das relações interpessoais entre os colegas de turma, visível no aumento do respeito e da empatia. Os educadores com conhecimentos no domínio revelam ter realizado e consolidado aprendizagens sobre os direitos humanos. Os educadores e os jovens destacam também como significativas as aprendizagens sobre as metodologias usadas, pela equipa, na dinamização da visita:

“Aprendi um pouco sobre os direitos. Aprendi a relacionar-me mais com as pessoas para sair da minha zona de conforto. Aprendi dinâmicas que mais tarde serão úteis para eu usar com as crianças.” (Constança – jovem)

“Aprendi como interagir melhor com pessoas da minha turma.” (Adriano – jovem)

“[Aprendi sobre] os direitos.” (Filipe – jovem)

“Aprendi mais direitos, que os direitos podem fazer muitas pessoas felizes.” (António – jovem)

“[Aprendi] que nós todos temos direitos. (...) Soube mais coisas dos direitos humanos.” (Artur – jovem)

“Aprendi mais [sobre direitos humanos].” (Rodrigo – jovem)

“Aprendi mais coisas sobre direitos.” (Andreia – jovem)

“Apesar de a partir do senso comum nós sabermos o que são os nossos direitos... Aprendi, aprofundi mais a parte da origem dos direitos humanos, que era uma coisa que eu não conhecia muito bem... Como é que nasceu a Declaração Universal dos Direitos Humanos e também alguns direitos que nós não temos tão presentes. Acabei por aprender muito.” (André – educador)

“Para mim é interessante ir lá, no sentido de aprender com a equipa.” (Rita – educadora)

“Acabei por especificar e perceber a importância [dos direitos humanos].” (Laura – educadora)

“Primeiro a perspetiva histórica, depois numa escala que foi feita, foi onde eu percebi realmente que os direitos são cada vez mais cedo abordados (...). Eles estão divididos em quatro categorias [...] Aprendi com a viagem que as mudanças são muito lentas.” (Ana – educadora)

“Errado é aquele que pensa que não tira nada de todos os momentos, é claro que tiramos sempre alguma coisa. Lá está, mesmo que seja o relembrar de todo o processo, acho que é importante. Porque são coisas que já estão mais que adquiridas, mas que nos passam ao lado, mas que nesse momento... Foi o relembrar.” (Manuel – educador)

Os educadores que já possuem alguns conhecimentos sobre os direitos humanos consideram que a visita é um momento privilegiado para recordarem, aumentarem a sensibilidade e a consciência para este tema.

“Nós estamos sempre a aprender, é uma verdade. O aprender não foi porque nada disto era desconhecido. Todos nós já passámos ou sabemos de histórias de crianças nossas. Portanto, nada disto dos direitos era novo para nós. Uns passaram mais por eles, outro menos. Portanto, não é bem uma aprendizagem, foi mais um relembrar, um relembrar e não uma aprendizagem. [Foi um momento em que] pensámos bem naqueles direitos mais básicos. Acho que os direitos mais básicos são aqueles que nos chamam mais atenção e que ficam mais sistematizados, como direito a ter uma roupa para vestir, o direito à escola, o direito a brincar. Porque é com esses direitos que trabalhamos todos os dias e trabalhamos para esses direitos todos os dias. Por isso, nesse sentido, acho que são esses direitos que ficam mais e que chamam mais à atenção, e saltam mais à vista.” (Duarte – educador)

“Em relação aos direitos eu já conhecia, foi mais um relembrar, um consciencializar.” (Joana – educadora)

“Acho que tenho aprendido imensa coisa. Acho que tenho aprendido. Acho que tenho revivido, mais do que aprendido.” (Anabela – educadora)

Os depoimentos dos educadores revelam a importância da promoção de tempos e espaços orientados para a discussão e reflexão sobre os direitos humanos, atendendo à atualidade e à relevância social do tema, na sociedade contemporânea. A educação para os direitos humanos através de dinâmicas de educação não formal permite a realização de um conjunto amplo e diversificado de aprendizagens, porque “aglutina ideias e saberes produzidos via o compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos” (Gohn, 2014, p.47).

2.8 IMPORTÂNCIA DAS APRENDIZAGENS REALIZADAS

Os educadores e os jovens entendem que a visita permitiu a realização de um conjunto diversificado de aprendizagens, na área dos direitos humanos, relevantes na sua vida pessoal e profissional. Após a realização da visita sentem-se mais sensibilizados e capacitados para intervirem na área dos direitos humanos, quer do ponto de vista do conteúdo, quer do ponto de vista da metodologia e das atividades a realizar, como destacam:

“la pensando naquilo que já tinha feito e a sentir alguma nostalgia ‘se calhar eu já fiz isto e não percebi que fiz” e foi mais por aí (...) Aprendi que, se calhar devíamos dar mais valor a coisas mais pequenas que os outros não têm e que nós temos e desvalorizamos. (...) Se calhar, se nós não tivéssemos tido aquela atividade e não tivesse sido tão bem trabalhada não estaríamos tão à vontade para expormos esses assuntos com eles e explicar de uma forma mais simples para eles entenderem.” (Maria – jovem)

“Senti várias emoções, tanto que eu chorei, eu ri, eu amuei... Foi um misto de emoções que eu não estava à espera (...) Visto que eu estou neste curso, vou ter que lidar com o público, vou ter que sair da minha zona de conforto. Por um lado, isso foi bom porque me ajudou a estar mais disponível ao próximo.

Como eu quero trabalhar com crianças, por isso o UNIVERSO D veio mesmo a calhar para mim, porque acho que aprendi novas dinâmicas e novas posturas e a maneira de estar, de falar, de lidar com as pessoas.” (Constança – jovem)

“No dia a dia não é como se mudasse muita coisa, mas (...) Mesmo que não incentive a ação, eu acho que é algo que enriquece a pessoa. A pessoa tendo uma maior consciência do estado das coisas, consegue viver uma vida melhor e interagir de uma forma melhor com os outros que o rodeiam (...) Houve mesmo alguma conexão com aquilo. As pessoas até partilharam coisas pessoais e houve momentos emocionais e a partir desses momentos, houve uma reflexão mais acentuada em coisas que se poderiam mudar.” (Adriano – jovem)

“Eu acho que é importante. É assim, eu tenho a consciência mas se calhar colegas meus não têm, não tinham tanta consciência. Eu estou a falar isto não tenho a certeza, não sei. Mas acho que não tinham tanta consciência e foi bom nesse sentido. Acho que nesse sentido, foi bom para podermos praticar melhor o bem.” (Joana – jovem)

“A importância? Foi muita! Aprendi algumas coisas que não sabia.” (Filipe – jovem)

“[Agora posso] ajudar as pessoas. Ajudar as pessoas que não têm lar... Ajudar as crianças ... [Ajudar] toda a gente.” (António – jovem)

“Apesar de trabalharmos muito no contexto de tempos livres, somos também responsáveis pela educação cívica das crianças. Portanto, não é só do ponto de vista pessoal que faz bem saber, mas naquilo que pretendemos também transmitir.” (Ana – educadora)

“Com tudo o que eles nos propõem e com todas as vivências que acabamos também por obter, porque eu quando vou ao espaço e quando faço a visita, eu coloco-me enquanto participante (...) Nesse sentido acho que é positivo também, porque acabo por aprender uma série de coisas, até da relação com eles e necessidades dos próprios alunos, que muitas vezes não temos consciência aqui. Acabei por estar muito

mais consciente de uma série de questões, até da minha prática, da minha intervenção. Todos os anos que lá vou é sempre um momento de reflexão, de reorganização, sempre, sempre, sempre. Portanto, acho que para mim é quase como uma reciclagem.” (Anabela – educadora)

“Foi muito interessante para mim. O mais importante nessa formação foi perceber a viagem de cada um dos meus colegas e de mim própria em relação aos direitos, quer humanos, quer das crianças (...) Consegui consolidar alguns aspetos (...) Aprendi, essencialmente, sobre a história da Convenção (...) quando eu fui para esta formação. Saí de lá com outra perspetiva, uma perspetiva diferente (...) Nós começámos logo a utilizar o paraquedas.” (Laura – educadora)

“A importância são as nossas atitudes que vamos tendo ao longo do dia e das semanas, e a abordagem que temos com os próprios miúdos.” (Manuel – educador)

“O grande ganho com a visita foi perceberem que é possível na prática pedagógica pensarem e terem uma práxis educativa e pedagógica acerca dos direitos das crianças (...) Penso que a visita acabou por sensibilizar, mas também alertá-las para essa ideia, que não pode ser só o discurso da instrumentalidade, do dia 1 de junho (...) Acho que isso é interessante também para mim como formadora, porque também vou adequando a unidade curricular e os conteúdos.” (Rita – educadora)

Os jovens entrevistados destacam que as aprendizagens sobre os direitos humanos recaem sobre valores, atitudes e comportamentos que se adotam no quotidiano e interferem no bem-estar dos que interagem connosco. Nesse sentido, revelam uma maior sensibilidade para relações interpessoais baseadas no respeito e na ajuda, na escuta e na importância do apoio a quem os rodeia, na resolução dos problemas, na valorização dos direitos e na luta para os assegurar, quando estes não são cumpridos. A visita permitiu perceber que a questão dos direitos humanos é algo que está intrinsecamente relacionado com a nossa vida, no quotidiano. No caso dos educadores as aprendizagens incidem, essencialmente, no conhecimento teórico sobre o tema, na abordagem metodológica e nas atividades que se podem realizar para abordar a temática. Através do discurso dos participantes verifica-se que a visita enquanto dinâmica de educação não-formal contribui para “a formação da cidadania, de uma cultura cidadã, da emancipação, da humanização” (Gohn, 2014, p. 47), elementos decisivos na educação para os direitos humanos.

2.9 IMPACTO INDIVIDUAL, COLETIVO E PROFISSIONAL

Os entrevistados, questionados sobre o impacto da visita, são unânimes em considerar que as aprendizagens realizadas são importantes na alteração, de atitudes, de valores e de comportamentos, com reflexos na sua vida pessoal e social, como se verifica nas suas falas:

“Tento muitas vezes explicar ao meu irmão que... porque ele é pequenino. Tem 3 anos e é muito... Como qualquer criança é muito superficial. Os brinquedos... Às vezes tento-lhe explicar que não é bem assim, que há coisas que têm mais valor do que isso... Assim de uma forma mais superficial também, porque ele ainda é pequeno.” (Maria – jovem)

“A turma ficou muito mais unida depois desta visita.” (Constança – jovem)

“[Vai ter mudanças] na minha atitude.” (Filipe – jovem)

“Nós temos familiares, não é? Eu tento passar esses valores, não só irei tentar passar aos pequeninos..., O meu filho é muito pequenino, mas aos afilhados, aos sobrinhos, aos primos mais pequeninos. Acho que sim, são valores que são de passar, tal como me passaram a mim.” (Joana – educadora)

“Penso que a nível de desenvolvimento pessoal, não é? Isto coloca-nos numa posição de “ora bolas!!”, passo a expressão, não é? Já começámos há tanto tempo a trabalhar, a trabalhar estas questões e ainda é de tão difícil implementação. Portanto, não é só do ponto de vista pessoal que faz bem saber, mas naquilo que pretendemos também transmitir.” (Ana – educadora)

“Sinceramente, aquilo que eu tenho sentido é que há aqui uma vivência de uma forma muito emocional, e fica marcado. Eles guardam esta visita ao Universo D de uma forma muito emotiva, fica mesmo gravado na memória deles. Acho que há certos momentos no processo escolar que os vão marcando e acho que as visitas ao Universo D é um deles.” (Anabela – educadora)

“Eu sou pai de família. Portanto, acho que é importantíssimo passarmos aos nossos filhos essa informação. Não estar à espera que sejam sempre terceiros a passar essa informação.” (André – educador)

“Principalmente, na parte de mais saberes e competências para futuramente usar com crianças. Acho que foi a parte mais significativa do que foi retirado do Universo D [...] A nível pessoal a mesma coisa. Nós não nos dividimos ao meio, não é? O que afeta um lado, afeta o outro.” (Laura – educadora)

As aprendizagens realizadas sobre direitos humanos, através da visita ao Universo D, apresentam um potencial de transformação de práticas profissionais, nomeadamente, entre os educadores:

“Aqui no jardim de infância é mais difícil, nós falamos muito globalmente [...] Eles são pequeninos, têm três quatro anos, cinco anos e é mais complicado [...] Como estávamos a dizer, as mentalidades, as mudanças são muito demoradas e nós falamos sobre isso no Universo D. O despertar, porque um dos momentos de partilha, o despertar das crianças e das crianças mais jovens e tudo aquilo que construímos em torno disto. O

que são os direitos e os deveres de cada um, o que pode ou não influenciar o dia de amanhã.” (Joana – educadora)

“Muitas das coisas que tenho e que tive oportunidade de experienciar lá, também me permitiram pôr em prática com casos que acompanho [...] Permitem-me alterar coisas das minhas aulas e adaptar também intervenções que eu própria faço, em contexto mais individualizado [...] Enquanto profissional, a possibilidade de permitir a formação aos meus alunos num contexto não formal (...) Fortalecer a relação também com eles, porque eles permitem-se ali, naquele contexto, porque é um contexto de educação não formal [...] Há algumas dinâmicas que por vezes já cheguei a utilizar, nomeadamente, nos primeiros anos em que trabalhei aqui, algumas delas foram baseadas nas dinâmicas que nós trabalhamos lá. Dinâmicas que eu acho que funcionaram, que eu depois usei ou adaptei, que eu utilizei na escola. Porque nós em animação temos muitas dinâmicas de grupo e o que é engraçado é que eles chegam ao terceiro ano e a maior parte das dinâmicas que metem em prática, são dinâmicas que foram desenvolvidas em animação. Portanto, eu acho que pode haver este efeito multiplicador, neste sentido. Geralmente a seguir, durante as semanas seguintes, há sempre uma alteração qualquer, seja nas minhas consultas, seja nas temáticas que eu levo ou proponho [nas aulas].” (Anabela – educadora)

“Enquanto profissional acho importantíssimo, trabalhando em realidades difíceis, muitas das vezes, alguns desses direitos não são cumpridos. Podemos passar isso aos nossos jovens e às famílias.” (André – educador)

“Tem um impacto ... a palavra respeito, ganhou outra dimensão. Eu tento passar às minhas crianças este ano mais que nunca, o que é respeitar.” (Laura – educadora)

“Eu como coordenador aqui no meu bairro tenho muitas valências, tenho o jardim de infância, o primeiro, o segundo e o terceiro ciclo e sugeri que eram boas dinâmicas e boas atividades para o segundo e o terceiro ciclo. Mesmo a deslocação dos miúdos lá, para terem percepção e para terem outras ideias de que eles, na verdade, têm muitos direitos, mas que têm também muitos deveres, porque falamos muito dos direitos e esquecemos um pouco dos deveres [...] Acho que necessitamos desses momentos de reflexão e de tentar pensar sobre o que é que estamos cá fazer e de tentar perceber o que é que nos leva ... Aquilo que cá andamos a fazer. A reflexão que eu faço, é essa. Nós deveríamos cada vez mais tentar perceber o que é que podemos fazer melhor. Acho que muitas vezes entramos aqui às oito da manhã e saímos daqui às sete da noite, queremos trabalhar para eles, mas nem nós absorvemos nada, nem os miúdos absorvem também.” (Manuel – educador)

“Tentámos aplicar aqui no nosso dia a dia. Até dinâmicas... Tentamos adaptar como foi feito connosco, de outras formas, dependendo das faixas etárias das crianças com quem trabalhamos, essas dinâmicas. [...] Acho que é importante, acho que é muito importante. Eu espero transmitir este tipo de comportamentos a quem está à minha volta, para que consiga também praticar este tipo de comportamentos, que assuma que também precisa, porque todos precisamos passar este conhecimento [...] Espero que consiga transmitir.” (Duarte – educador)

Os educadores e os jovens entrevistados afirmam que a realização da visita ao Universo D lhes permitiu a realização de um conjunto de aprendizagens sobre direitos humanos, que desencadeiam a reflexão e a alteração dos seus comportamentos e atitudes face a si, aos outros e à vida em sociedade, no geral. Os educadores consideram que o aprofundamento dos conhecimentos sobre os direitos humanos, a maior sensibilidade para abordar a temática, assim

como, o contacto com metodologias e atividades a que podem recorrer, são elementos fundamentais para se sentirem motivados e capacitados a tratar este tema junto das crianças, jovens e adultos com quem trabalham, na expectativa que a abordagem possa ter um efeito educativo e multiplicador. As aprendizagens realizadas durante a visita ao Programa Universo D são heterogéneas e, segundo os participantes, permitem desencadear mudanças de comportamentos e de atitudes, com reflexos em diferentes domínios – pessoal, social, familiar e profissional.

2.10 OUTROS DOMÍNIOS

A continuidade temporal, assegurada em determinadas parcerias institucionais, permite a realização de um trabalho sistematizado, o que é tido como muito profícuo pelos participantes. O Programa Universo D é muito valorizado pelo facto de ser pioneiro e único no país, pelo espaço, pela metodologia e pela possibilidade de conceber ações “à medida” dos participantes, em função dos seus interesses e projetos.

Os educadores reconhecem a importância da educação para os direitos humanos, junto das crianças de idades mais reduzidas, o que é menos habitual, por ser considerado difícil. O Programa Universo D através da metodologia e do tipo de atividades realizadas permite aos educadores perceberem que a sua motivação e criatividade são elementos cruciais para uma intervenção assertiva e de qualidade junto das crianças de idade mais reduzida.

2.11 SUGESTÕES DE MELHORIA DO PROGRAMA UNIVERSO D

A apreciação positiva da experiência da viagem ao Programa Universo D é destacada pelos entrevistados, como se referiu anteriormente. Deste modo, quando solicitámos sugestões de melhoria, alguns defenderam a importância da equipa assegurar um trabalho de continuidade:

“Primeiro um elogio... para continuarem o bom trabalho.” (Ana – educadora)

“Não tenho grande sugestão a dar. Acho que aquilo que nos foi apresentado, não foi nem de mais nem de menos. Acho que foi o ideal.” (Duarte – educador)

“Eu acho que elas são muito amáveis, não tenho nada a apontar. Gostei mesmo” (Joana – educadora).

“Gostei de tudo [...] Tiveram bem.” (António – jovem)

“Nada, está tudo bom.” (Filipe – jovem)

Apesar de uma apreciação bastante positiva da organização e do funcionamento das visitas no âmbito do Programa Universo D, alguns dos entrevistados identificaram sugestões. Em determinados casos, uma possibilidade seria centrar a visita em um ou dois direitos para que fossem trabalhados de um modo mais consolidado, nomeadamente, através da interação e da reflexão coletiva:

“Eventualmente, portanto, organizarem também de uma forma mais, mais orientada para os direitos que fazem mais sentido para os jovens. [...] Talvez ter uma ou duas atividades mais específicas para direitos que aquela população...” (André – educador)

“Eu apreciaria um pouco mais de desenvolvimento, interagindo com os jovens sobre o estado atual dos direitos humanos.” (Adriano – jovem)

O fim da viagem é um momento considerado importante pelos entrevistados. Nesse sentido, propõe que a equipa técnica reserve um pouco mais de tempo à última parte, apelando mais à reflexão individual e coletiva. Entre as sugestões apresentadas indicam que essa reflexão poderia realizar-se através da troca de bagagem:

“Acho que a partilha é importante [no fim da viagem, uma possibilidade seria investir na troca do conteúdo da bagagem]. [...] Foi uma experiência ótima. Contudo, depois eu até acabei no final da visita

a deixar a minha opinião, no sentido de que entrámos com uma bagagem e adquirimos uma nova bagagem. Acho que o contexto está giro, mas acaba por ser tudo muito em vão, porque quando chegamos no segundo dia para irmos buscar a nossa mala de viagem, a nossa bagagem, acontece que quando acaba, acaba logo ali e não há... Acho que falta qualquer coisa, deveria de haver ali um fio condutor em relação à bagagem [...] Mas depois deveria haver ali uma sequência, não sei, porque acaba assim muito friamente.” (Manuel – educador)

“É o tal aspeto da mochila, acho que devia ter um significado no final ... Devíamos, não sei, ter uma epifania. Porque é muito estranho. No início pegamos numa mochila, levamos e pronto. Depois no final, devolvemos e pronto, não se passou mais nada. [Gostava de] ter percebido melhor qual era a ideia da mochila (...) acho que devia ter um significado, que no final [devia ser explorado].” (Laura – educadora)

A duração da visita é entendida, por alguns dos entrevistados, como uma limitação, pois gostariam de ter tempo para aprofundar determinados aspetos. Contudo, também reconhecem que esse problema se prende mais com a falta de disponibilidade dos participantes, do que propriamente da equipa.

“Provavelmente, se tivéssemos tido mais tempo, conseguiríamos dividir mais esta transmissão de conteúdos por faixa etária. Portanto, de que forma é que isto se trabalha nos jardins de infância? De que forma é que isto se trabalha no primeiro ciclo? De que forma é que isto se trabalha no segundo ciclo? E junto dos mais jovens? [...] A questão do tempo limita muito” (Ana – educadora).

“Acredito que poderia ser mais aprofundado, mas derivado ao tempo que tivemos desta visita, acho que pecou um pouco. Deveria ser um bocado mais, mais intenso no sentido de que tentamos passar por todas as dinâmicas [...] Já não houve tempo para reflexão.” (Manuel – educador)

Apontam também como importante a alteração do questionário de satisfação aplicado no fim da visita, na tentativa de uma maior adequação deste instrumento aos jovens.

[O questionário aplicado] aos jovens, [poderia ter] uma linguagem mais acessível [...] O formulário que seguiu para os jovens preencherem para avaliarem, era um questionário difícil de eles perceberem o conteúdo. Acho que daquilo que vi foi o menos... O menos conseguido.” (André – educador)

Como forma de complementar e consolidar os conteúdos e a metodologia adotada ao longo da visita, alguns entrevistados sugerem o investimento em atividades mais focadas, como ocorreu no passado:

“Acho que também é importante que possam voltar a refletir sobre a importância de fazerem aqueles *workshops* que faziam para os técnicos.” (Anabela – educadora)

Algumas sugestões visam assegurar uma ação integrada, que contemple uma maior visibilidade e projeção social do Programa Universo D, junto de um número mais significativo e diversificado de pessoas, através do investimento em determinados grupos etários, na divulgação e na formação da equipa técnica, como se percebe no depoimento:

“Uma das dimensões que poderia melhorar é a inclusão das crianças mais pequenas, isso é uma questão para mim importante. Mesmo com os adultos, penso que chegando a outros e a mais adultos. As questões centrais da não promoção dos direitos está precisamente na ação ou na não ação dos adultos, penso que seria interessante envolver mais adultos [...] Portanto, são as três áreas de [sugestões]: a sensibilização, a divulgação e a ampliação para outros grupos, que incluam crianças mais pequenas e adultos [...] Penso que têm que apostar mais na divulgação, isso é fundamental. Uma página é fundamental, hoje as tecnologias estão aí e não podemos ignorá-las. A página é muito pobre deste ponto de vista [...] É necessário fazerem uma melhor divulgação também para o reconhecimento do trabalho feito, também é importante que se sintam reconhecidas no seu trabalho [...] A atualização permanente dos conhecimentos na área era importante [...] Continuar a apostar na formação contínua [da equipa], naquilo que são os conhecimentos mais recentes na área.” (Rita – educadora)

Reconhecendo o carácter pioneiro, inovador e a utilidade social da educação para os direitos humanos no Programa Universo D, alguns dos entrevistados apelam à Câmara Municipal de Lisboa para dar continuidade e projeção à iniciativa.

“Eu espero que do ponto de vista da estrutura autárquica este projeto se mantenha [...] Também acho [importante] o reconhecimento social e político desta equipa, deste projeto, porque realmente, até pode haver [outro semelhante] mas eu não conheço. Acho que era mesmo valorizar. De valorizar também no sentido de dar a conhecer o projeto a outros parceiros. [...] Portanto, é necessário fazerem uma melhor divulgação para o reconhecimento do trabalho feito e também porque que é importante que as pessoas se sintam reconhecidas no seu trabalho. Eu acho que é um trabalho de muita qualidade, não é só porque é o único, porque poderia ser o único e não ter qualidade [...] É um trabalho de muita qualidade, portanto, eu espero que as condições políticas não atuem no sentido de esvaziar aquele espaço...espero que não.” (Rita – educadora)

Os participantes valorizam o Programa Universo D porque reconhecem a importância social da educação para os direitos humanos, na sociedade contemporânea, mas também porque destacam a escassez de iniciativas orientadas para este domínio. Atendendo a estes dois fatores, apelam ao investimento no Programa Universo D, por parte da Câmara Municipal de Lisboa, nomeadamente, através de um maior investimento na divulgação, de uma maior incidência em determinados tipos de participantes – os adultos e as crianças, e de um investimento na formação e no reconhecimento profissional da equipa técnica. Os participantes atribuem muita importância

à qualidade do trabalho realizado pela equipa técnica, sendo este um elemento determinante para se assegurar a pertinência e a utilidade social do Programa Universo D.

3. DISPOSITIVO DE ACOMPANHAMENTO E DE AVALIAÇÃO DO PROGRAMA UNIVERSO D

3.1 Dispositivo de acompanhamento do Programa Universo D

O dispositivo de acompanhamento visa apresentar uma estratégia para assegurar o apoio da equipa técnica na implementação do Programa Universo D. O acompanhamento será orientado para a análise da atividade profissional destes técnicos, nomeadamente, no que respeita à dinamização do Programa Universo D. O acompanhamento tem o objetivo de assegurar uma análise crítica da atividade, por parte dos próprios profissionais envolvidos, contando, por vezes, com o apoio de profissionais externos e dos próprios participantes no projeto.

O dispositivo de acompanhamento terá de ser algo facilmente exequível, do ponto de vista do tempo e dos recursos envolvidos. Deste modo, parece-nos que pode ser realizado de duas formas, complementares entre si e com o processo de avaliação. Por um lado, o acompanhamento da atividade da equipa e do funcionamento do Programa Universo D poderá decorrer do uso da recolha e do tratamento da informação facultada pelos participantes, no final de cada visita, nomeadamente, através dos resultados do questionário de satisfação preenchido pelos participantes. Os dados recolhidos podem permitir à equipa um retorno sobre a sua prática profissional, a partir da opinião dos participantes. Para que isso ocorra, o questionário tem de ser um instrumento de fácil preenchimento, com indicadores importantes para o trabalho da equipa e, em simultâneo, os dados recolhidos têm de ser passíveis de um tratamento fácil e rápido, por parte da equipa. Por outro lado, a análise e a reflexão realizadas pela própria equipa técnica sobre a sua prática profissional são dinâmicas decisivas para a evolução do Programa Universo D. Porquanto, os elementos resultantes desta análise e reflexão, realizada após o final de cada visita, pelos técnicos envolvidos, e em reuniões de equipa mais alargadas, podem ser incorporadas de imediato na alteração da organização e do funcionamento das visitas seguintes. Além disso, a equipa poderia reunir, uma ou duas vezes por ano, com um especialista convidado, em domínios

importantes no âmbito da intervenção do Programa Universo D (educação para os direitos humanos, educação de crianças, educação de jovens, educação de adultos, educação de idosos, educação não formal, entre outros). Este dispositivo de acompanhamento pretende-se flexível, adaptado à especificidade e à evolução do Programa Universo D.

3.2 Dispositivo de avaliação do Programa Universo D

O dispositivo de avaliação do Programa Universo D terá de ser exequível para a equipa técnica e facultar informação útil sobre a organização e funcionamento do Programa, mas também acerca dos resultados obtidos junto dos participantes.

Sugerimos que a equipa técnica assegure a continuidade do processo de avaliação realizado no final de cada visita e que possa investir numa avaliação de impacto, seis meses após a participação, para obter elementos sobre os resultados do Programa Universo D. Em ambos os casos, propõe-se a opção por instrumentos de avaliação *online*, que permitam um preenchimento fácil e rápido, assim como, o tratamento da informação recolhida. De seguida, apresenta-se um modelo de questionário de satisfação da visita ao Programa Universo D, assim como um modelo de questionário de avaliação de impacto, elaborados a partir dos dados empíricos recolhidos no âmbito deste trabalho.

3.2.1 Questionário de avaliação da viagem ao Programa Universo D

Propõe-se a aplicação do questionário online, para facilitar a aplicação e o tratamento dos dados recolhidos. A escala surge descrita nas estrelas, em função da sua posição e significado, para facilitar o preenchimento.

Informação: A sua participação no preenchimento deste questionário é muito importante. O questionário é anónimo e garantimos a proteção dos dados do respondente.

1. Identifique o modo como realizou a viagem ao UNIVERSO D (Permitir apenas a escolha de uma opção)

Participante Acompanhante

2. Identifique o tipo de viagem que realizou (Permitir apenas a escolha de uma opção)

Viagem c/ crianças [5-9 anos]

Viagem c/ jovens [10-12 anos] [13-15 anos] [16-18 anos]

Viagem c/ adultos [+19 anos]

Outra: _____

3. Identifique a duração da viagem (Permitir apenas a escolha de uma opção)

Curta [1 sessão até 2 horas]

Médio curso [2 a 3 sessões]

Longo curso [4 ou mais sessões]

4. Identifique o seu nível de conhecimentos sobre direitos humanos, antes de realizar a viagem ao UNIVERSO D. (* Nenhum conhecimento; ** Pouco conhecimento; *** Conhecimento bom; **** Conhecimento muito bom)

5. Identifique o seu nível de satisfação com as atividades realizadas durante a visita. (* Nada satisfeito; ** Pouco satisfeito; *** Satisfeito; **** Muito satisfeito)

6. Identifique o seu nível de satisfação com o desempenho da equipa técnica do programa Universo D. (* Nada satisfeito; ** Pouco satisfeito; *** Satisfeito; **** Muito satisfeito)

7. Identifique o seu nível de satisfação com a metodologia usada durante a visita. (* Nada satisfeito; ** Pouco satisfeito; *** Satisfeito; **** Muito satisfeito)

8. Identifique uma apreciação sobre as aprendizagens na área dos direitos humanos, realizadas na viagem ao UNIVERSO D. Escolha apenas a opção que mais se adequar. (Permitir apenas a escolha de uma opção)

Não aprendi nada sobre direitos humanos

Aprendi um pouco sobre direitos humanos

Aprendi muito sobre direitos humanos

Relembrei e consolidei conhecimentos que já tinha

9. Identifique o tipo de aprendizagens realizadas durante a viagem ao UNIVERSO D (escolha apenas três opções, as mais significativas) (Permitir apenas a seleção de três opções)

- Aprendi e/ou aprofundei conhecimentos sobre a evolução histórica dos direitos humanos
- Aprendi e/ou aprofundei conhecimentos sobre os direitos humanos que constam nos documentos legais
- Aprendi que todos os cidadãos têm direitos e deveres, independentemente da sua idade, género, classe social e etnia
- Aprendi que tenho de alterar alguns comportamentos para assegurar os direitos dos outros que me rodeiam
- Aprendi que devo chamar à atenção quando os meus direitos não são respeitados
- Aprendi que devo estar atento e denunciar situações de desrespeito de direitos humanos

- Aprendi que tenho um papel importante na sensibilização e na formação das outras pessoas sobre os direitos humanos
- Aprendi a dinamizar atividades adequadas para a educação sobre os direitos humanos

10. Identifique a importância das aprendizagens realizadas na viagem ao UNIVERSO D, na sua vida pessoal (*Nada importantes; ** Pouco importantes; *** Importantes; **** Muito importantes)

11. Identifique a importância das aprendizagens realizadas na viagem ao UNIVERSO D, na sua vida profissional (*Nada importantes; ** Pouco importantes; *** Importantes; **** Muito importantes) [] não se aplica

****** []**

12. Identifique domínios em que a equipa do programa UNIVERSO D pode realizar melhorias:

- Na recepção dos participantes [sim] [não]
- Na organização do espaço [sim] [não]
- Na informação sobre os direitos humanos [sim] [não]
- Nas atividades escolhidas [sim] [não]
- No modo como as atividades são realizadas [sim] [não]
- No tempo dedicado às atividades (atividades de expressão, audiovisual, dinâmicas de grupo, etc.) [sim] [não]
- No tempo dedicado à reflexão [sim] [não]
- No tempo dedicado à partilha [sim] [não]
- Na divulgação do programa UNIVERSO D [sim] [não]
- Outra sugestão. Qual _____

Comentários:

Agradecemos a sua colaboração!

3.2.2 Questionário de avaliação do impacto da viagem ao Programa Universo D

Solicita-se a sua colaboração na resposta a este breve questionário, por forma a facultar informação importante sobre o efeito da visita ao Universo D na sua vida pessoal e/ou profissional.

1. CARACTERIZAÇÃO DO RESPONDENTE

Realizou a visita ao UNIVERSO D como (Identifique a opção que mais se adequa-a)

Participante Acompanhante

2. CARACTERIZAÇÃO DA VIAGEM

2.1. Identifique o tipo de viagem que realizou

Viagem c/ crianças [5-9]

Viagem c/ jovens [10-12] [13-15] [16-18]

Viagem c/ adultos [19+]

Outra: _____

2.2. Identifique a duração da viagem

Curta [1 sessão até 2 horas]

Médio curso [2 a 3 sessões]

Longo curso [4 ou mais sessões]

3. APÓS A VISITA QUE REALIZEI AO UNIVERSO D | OS DIREITOS NA CRIANÇA E NO JOVEM:

3.1 Fiquei mais atento/a às questões relacionadas com os direitos humanos.

Sim Não

3.2 As aprendizagens realizadas foram importantes na mudança de atitudes, valores ou comportamentos, com reflexo na minha vida pessoal ou profissional.

Sim Não

3.3 Fiquei mais atento/a às situações de (des)respeito pelos direitos humanos.

Sim Não

3.4 Alterei o meu comportamento, na minha vida pessoal ou profissional, de modo a defender os direitos de outras pessoas.

Sim Não

3.5 Agi junto de outras pessoas de modo a defender os meus direitos.

Sim Não

3.6 Agi de modo a defender os direitos de outras pessoas.

Sim Não

3.7 Sinto-me mais sensível para ter relacionamentos positivos baseados no respeito e na entreaajuda.

Sim Não

3.8 Procurei sensibilizar outras pessoas na área dos direitos humanos.

Sim Não

3.9 Gostaria de aprofundar os meus conhecimentos sobre direitos humanos.

Sim Não

Atenção: só para profissionais

3.10 Dinamizei atividades no meu trabalho ou escola sobre direitos humanos.

Sim Não

3.11 Gostaria de aprofundar os meus conhecimentos sobre a metodologia da educação para os direitos humanos.

Sim Não

Agradecemos a sua colaboração!

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo conceber um dispositivo de avaliação e de acompanhamento do Programa Universo D. Atendendo ao elevado número de participantes no Programa Universo D, cerca de mil por ano, considerámos que o dispositivo de avaliação teria de contemplar, necessariamente, um questionário de avaliação da satisfação da visita, como forma de assegurar a representatividade dos dados recolhidos. Para assegurarmos a elaboração de um questionário pertinente e adequado optámos pela realização de um conjunto de entrevistas a participantes (educadores e jovens). A informação recolhida permitiu identificar os principais domínios do questionário, assim como indicadores a contemplar nas respostas fechadas e o tipo de escalas. Atendendo à relevância da informação recolhida considerámos que para além de apoiar a concepção do questionário, seria importante analisá-la, de modo a apresentarmos alguns elementos de avaliação à equipa técnica e à Câmara Municipal de Lisboa.

Os dados empíricos recolhidos, através de entrevistas semiestruturadas, junto de educadores e de jovens revelaram uma avaliação global muito positiva da visita ao Programa Universo D. A avaliação positiva resulta da conjugação de diversos fatores – importância e pertinência da educação para os direitos humanos; carácter pioneiro e inovador da iniciativa; coerência e adequação entre a temática abordada, a organização e a composição do espaço, a metodologia e as atividades realizadas, e a qualidade da intervenção técnica e humana da equipa responsável pela organização e funcionamento do Programa Universo D. Os elementos destacados pelos participantes justificam também a existência de entidades que realizam visitas recorrentemente ao Programa Universo D, após a primeira experiência. Este indicador é elucidativo da importância atribuída por alguns agentes educativos à educação para os direitos humanos e do elevado grau de satisfação relativamente à organização e ao funcionamento da visita.

Os participantes valorizam a intencionalidade educativa das atividades realizadas ao longo da visita ao Universo D, através de dinâmicas lúdicas e expressivas, destacando a flexibilidade, a reversibilidade de papéis, a reflexão e a partilha de experiências de vida, a reflexão individual e coletiva, e a expressão de sentimentos e emoções. O Programa Universo D através da

metodologia e das atividades realizadas incide na valorização do processo educativo. Os domínios destacados e valorizados pelos participantes são características estruturantes das dinâmicas de educação não formal. Ou seja, os participantes corroboram a importância da educação para os direitos humanos ser promovida através de dinâmicas de educação não formal, centradas na reflexão sobre as experiências individuais e coletivas, como forma de reforçar o processo de “conscientização” (Freire, 1980). A “conscientização”, considerada por Paulo Freire (1980) a principal finalidade dos processos educativos, consiste na capacidade de aprender a observar, a analisar e a refletir criticamente, sobre o que se passa à nossa volta, com base nos conhecimentos produzidos historicamente pela Humanidade, para definir estratégias de ação que possam promover a mudança individual e coletiva. A conscientização é a inserção crítica na história, o que “implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (Freire, 1980, p.26).

O potencial educativo das dinâmicas realizadas na visita ao Universo D concretiza-se num conjunto amplo de aprendizagens junto dos participantes, com impacto individual, social e profissional. As aprendizagens identificadas revelam que os participantes se assumem enquanto sujeitos, com capacidade de agir e de mudar, o que é elucidativo do potencial de transformação individual e coletivo. O processo educativo vivenciado remete cada participante, em simultâneo, para o processo histórico – construído pela Humanidade – mas, também para a responsabilidade individual da educação para os direitos humanos. Como destaca Paulo Freire (2000) “ninguém se forma realmente se não assume responsabilidades no ato de formar-se” (p.87). O Programa Universo D, pelos elementos anteriormente identificados, potencia um processo de autoformação, no qual cada participante tem a possibilidade de assumir a responsabilidade no ato de formar-se e de contribuir para a formação de outros cidadãos, o que pode ter um efeito multiplicador considerável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos – Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Dominicé, P. (2006). A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 345-357.
- Freire, P. (1980). *Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª edição. São Paulo: Editora Moraes.
- Freire, P. (2000). *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. 39ª edição. São Paulo : Cortez Editora.
- Gadotti, M. (2005). A questão da educação formal/não-formal, 1-11. Disponível em : <https://docplayer.com.br/5445484-A-questao-da-educacao-formal-nao-formal.html>
- Gaston, P. (2000). *Temporalités en formation. Vers les nouveaux synchroniseurs*. Paris: Anthropos.
- Gohn, M.-G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, IIª Série, Número 1, 35-50.
- Mucchielli, A, (2002). *Dictionnaire des méthodes qualitatives en sciences humaines et sociales*. Paris : Armand Colin.
- Poizat, D. (2003). *L'Éducation non formelle*. Paris: L'Harmattan.
- Poupart, J; Deslauriers, J.-P.; Groulx, L.-H. ; Laperrière, A. ; Mayer, R. ; Pires, A. (1997). *La recherche qualitative. Enjeux épistémologiques et méthodologiques*. Paris : Gaëtan Morin.
- Rogers, A. (2005). *Non-Formal Education. Flexible schooling or participatory education ?* New York : Springer Science, Kluwer Academic Publishers e Comparative Education Research Centre of the University of Hong Kong.
- Yin, R. (2014). *Case study research design and methods*. Thousand Oaks : Sage.